

VIDA&

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Alunos da USP prestam auxílio a cidade no Vale do Jequitinhonha

Projeto Bandeira Científica assiste municípios carentes desde 1998; participaram mais de 200 voluntários

Alexandre Gonçalves
ENVIADO ESPECIAL
ITAOBIM (MG)

Daniel Evangelista Muniz vai melhorar seu desempenho escolar no próximo ano. O garoto de 7 anos descobriu que precisaria vencer quatro graus de miopia e outros três de astigmatismo para ver o que a professora ensinava. Seu benfeitor foi um exército de 202 alunos, pesquisadores e professores da Universidade de São Paulo (USP).

Entre os dias 7 e 16 de dezembro, eles atenderam a população de Itaobim (MG), no Vale do Jequitinhonha, semiárido mineiro, a 620 km de Belo Horizonte. O projeto, chamado Bandeira Científica, assiste municípios carentes desde 1998. O pesquisador Luiz Fernando Ferraz da Silva, da Faculdade de Medicina da USP, um dos idealizadores do projeto, recorda que a Bandeira Científica recupera uma iniciativa semelhante interrompida em 1969.

Itaobim conta com 1 hospital, 7 postos de saúde, 4 unidades básicas (UBS) e 3 equipes do Programa Saúde da Família (PSF). A estrutura responde bem pela atenção na zona urbana, onde vivem cerca de 75% dos moradores. Mas, vencidas as doenças mais comuns, surgem demandas de outras especialidades médicas. Apenas um oftalmologista cuida da população de 21 mil habitantes pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Suas visitas são mensais e a fila de espera é grande. "Temos dificuldade para contratar especialistas. Consideram que o SUS paga pouco e não querem vir trabalhar aqui", diz a secretária municipal de saúde, Maflávia Ferreira. Ela estima que 25% da população recebeu atendimento médico na Bandeira Científica.

A situação é mais difícil na zona rural e nos povoados fora do centro urbano de Itaobim. Da janela do ônibus municipal, os estudantes viam mulheres lavando roupa nas pedras do Córrego São João, enquanto crianças refrescavam-se na correnteza. Em 2001, 80% dos moradores da comunidade local tinha "chistose" - corruptela regio-



EMEQUIPE - Estudantes, professores e pesquisadores de diversas faculdades da USP atuam juntos em projeto que custou R\$ 400 mil

nal para esquistossomose.

Campanhas anuais da prefeitura estabilizaram a incidência em 25% - porcentual ainda elevado. "Quando chega o calor, é difícil convencer as pessoas a não entrarem na água", diz Maflávia.

Fabrizio Pereira, 9 anos, livrou-se da verminose no ano passado. A mãe, Maria Aparecida Pereira, soube dos visitantes e trouxe o filho para ser examinado na escola do povoado. A

família mora em um pequeno sítio próximo ao povoado de São João. Os avós já viviam na mesma casa de adobe, piso de cerâmica e telhas irregulares. Não há rede de esgoto ou fossa sanitária. Todos consomem a água do córrego armazenada em um filtro de barro. A luz elétrica já chegou ao casebre de dois cômodos para cinco pessoas, mas ainda falta geladeira e televisão. Trabalham na roça

de mandioca e milho, mas o dinheiro do Bolsa-Família constitui a principal fonte de renda.

ROTINA

Não havia só médicos na Bandeira Científica. Estudantes de Nutrição, Engenharia, Psicologia, Fisioterapia, Odontologia e Jornalismo também trabalharam na expedição. O prédio da prefeitura, recém-construído, e um salão do Country Club de

Itaobim serviram como alojamentos. Merendeiras escolares, coordenadas pelas nutricionistas do grupo, preparavam as refeições. A rotina começava às 6h30. Depois do café da manhã, veículos da prefeitura levavam as equipes para os locais de atendimento.

Foram gastos R\$ 400 mil no empreendimento, metade em dinheiro e metade em doações de insumos e infraestrutura.



Para moradores, universidade traria desenvolvimento

... D. Crescenzio Rinaldini, bispo emérito da vizinha Araçuaí (MG), foi quem buscou dinheiro na sua terra natal, a Itália, para construir o único hospital de Itaobim. Viu muita coisa mudar desde sua chegada, há 50 anos. Os programas de redistribuição de renda do governo federal diminuíram muito a subnutrição.

"Aqui era o vale da fome", afirma Maria Sobral, também uma antiga moradora da região. "Agora, é o vale do desemprego." Há consenso sobre a causa dos problemas em Itaobim: a falta de perspectivas profissionais aumenta a vulnerabilidade da juventude. Todos reclamam das drogas.

Mas também há consenso quanto à solução. "Uma universidade mudaria a cara da cidade", afirma a professora Maria da Glória Marques. "Falta mão de obra qualificada aqui."

O ex-prefeito de Itaobim, José Alves de Oliveira (PT), concorda: "Uma universidade pública no Vale do Jequitinhonha desenvolveria a região." • A.G.

Empresas como a farmacêutica Sanofi-Aventis e o Centro Ótico Miguel Giannini colaboraram com o projeto.

A estudante de jornalismo Lia Segre considera a Bandeira Científica uma ótima oportunidade para promover a integração dos conhecimentos universitários. "Sem dúvida, ajudamos a cidade", afirma Lia. "Mas os estudantes são os maiores beneficiados." •

VESTIBULAR

2ª fase da Fuvest começa com 5,8% de abstenção

Professores consideram difíceis e bem elaboradas prova de português e tema da redação

EDUCAÇÃO

Alexandre Gonçalves

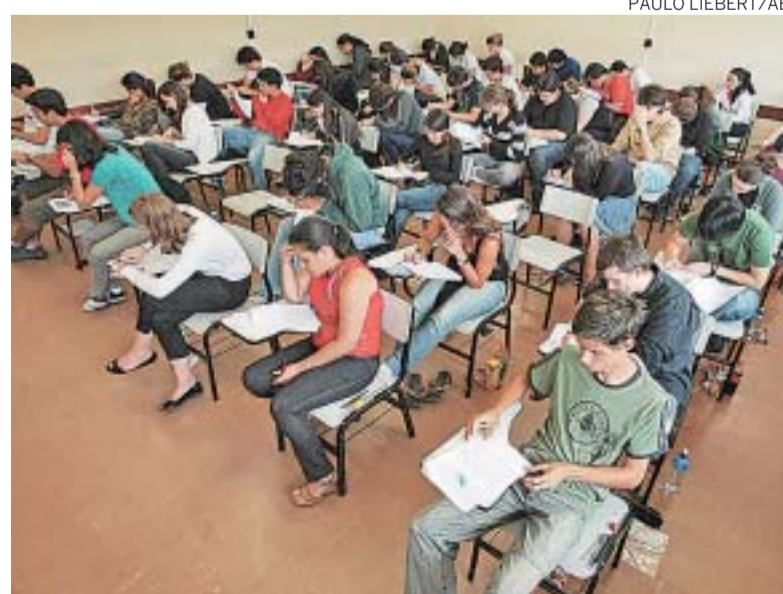
Ontem, no primeiro dia da segunda fase do vestibular da Fuvest - o mais concorrido do País -, 2.243 dos 38.606 candidatos deixaram de comparecer à prova de português e redação. A abstenção, de 5,81%, foi um pouco maior que a do ano passado, quando faltaram 5,42% dos candidatos.

A professora de Português do Curso e Colégio Objetivo, Elisabeth de Melo Massaranduba, considera o tema da redação - "fronteiras" - perigoso para os alunos. Na proposta do tema, a Fuvest forneceu pouco material de apoio aos candidatos. Apenas a imagem de uma calçada em cujo piso estava demarca-

da a fronteira entre Holanda e Bélgica, retirada da enciclopédia virtual Wikipedia, e a definição da palavra "fronteira" no *Dicionário Houaiss*. Depois de sublinhar que o termo admite vários sentidos - geográfico, físico, psicológico, etc. -, a Fuvest solicitava a escolha de uma ou duas abordagens e a redação de um texto dissertativo.

"O aluno corria o risco de escrever uma notícia de jornal", argumenta Elisabeth. "Ou seja, um texto com muita informação, mas sem reflexão." Para Célia Passoni, coordenadora de língua portuguesa do Curso e Colégio Etapa, o candidato deveria fechar o leque de opções logo no início da prova. "Escolher uma abordagem e desenvolvê-la", resume Célia.

Para Nelson Dutra, também do Objetivo, a prova de português não estava fácil, mas também não exigia "notas de rodapé e picuinhas". "O candidato com boa compreensão do enunciado, capacidade crítica e com-



DECISÃO - Tema da redação exigia objetividade dos candidatos

petência linguística tinha tudo para fazer uma boa prova", considera Dutra. Roberto Juliano, do Cursinho da Poli, concorda: "Não havia armadilhas", afirma. "A Fuvest manteve o mesmo nível de dificuldade dos anos anteriores." Os candida-

tos não precisavam adotar as normas do novo acordo ortográfico, mas uma questão discutia as modificações sofridas pela língua ao longo do tempo.

Dutra lembra que Carlos Drummond de Andrade não foi lembrado nas questões, apesar

de estar na lista de livros exigidos pela Fuvest. "Mas é normal. No ano passado, Guimarães Rosa ficou de fora das questões", aponta Dutra. Ele considera as questões de literatura bem elaboradas: "Fugiram do conhecimento decorado, automatizado", avaliou.

PRÓXIMOS DIAS

Começam amanhã as provas de habilidades específicas do curso de Artes Cênicas. Na quarta-feira, ocorrerá o exame específico do curso superior de Audiovisual. Na quinta-feira, será o primeiro dia da prova de habilidades dos cursos de Arquitetura e Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). Na sexta-feira, o curso de Arquitetura da USP de São Carlos avaliará as aptidões específicas dos seus candidatos.

Hoje, 17.485 candidatos devem fazer a prova de História e 14.747 a de Química. •

Notas

ENSINO ESPECIAL

SP: programa busca alunos superdotados

Iniciado há cerca de um ano, o programa Caça Talentos, da rede estadual de ensino de São Paulo, já detectou 397 superdotados entre os alunos. O programa formou professores para diagnosticar casos de crianças que têm "superconhecimentos" em determinadas áreas nas escolas estaduais. O número de superdotados quintuplicou em um ano, saltando de 79 para 378 no período.

EMBAIXADORES DO CLIMA

Projeto de estudante brasileira vai à Escócia

Ana Claudia Cassanti, de 16 anos, aluna do Colégio Dante Alighieri, representará o País no encontro de jovens embaixadores do clima, na Escócia, em fevereiro. Ela é uma das idealizadoras de um projeto ambiental que propõe a instalação de coletores de energia solar, a plantação de mais de mil árvores na periferia e o fim do uso da sacola plástica na capital paulista.